

Mas essa Frase é Minha

uma atividade de artes-manuais para o exercício da escrita acadêmica causa espanto

But that is my sentence

An astonishing handcrafted art exercise in academic writing

Ana Veiga

Atelier de Educação (NVAE)

Sofia Amorim

Atelier de Educação (NVAE)

Luciana Aguillar

Atelier de Educação (NVAE)

RESUMO

O artigo cartografa uma experiência de artes-manuais e escrita com um grupo de alunas especializadas em artes-manuais para educação. A proposta da atividade visava ultrapassar o aparente bloqueio na escrita do projeto de pesquisa, haja vista o incômodo relatado por muitas das alunas sobre sua incapacidade de escrevê-lo. O planejamento da aula da disciplina Políticas de Narratividade incluía fragmentos e trechos de textos das próprias alunas em exercícios anteriores, associados às materialidades de retalhos, linhas e lãs. O primeiro momento do relato dessa experiência se move em torno da observação de um certo espanto, demonstrado por algumas alunas, quando percebiam que o texto com que estavam trabalhando na atividade era um texto escrito por elas anteriormente. Noutro momento desse relato, trazemos um novo espanto, desta vez apresentado por algumas alunas quando escutavam, pela voz das professoras da disciplina, o texto que produziram durante a atividade. Dois estranhamentos percorrem a experiência: o espanto que a atividade despertou nas alunas quando leram e ouviram a si mesmas; e o espanto das docentes, ao cartografarem a atividade, percebendo a distância entre o planejar e o vivenciar da aula.

Palavras-chave: Escrita acadêmica. artes-manuais. cartografia. planejamento de aula.

ABSTRACT

This article maps an experience of handcrafted art and writing with a group of students of handcrafted art in education. Its purpose was to overcome what many of the students described as a writer's block regarding the research project: a discomfort that many of them reported about their inability to write it. The subject "Narrative policies" included, in its last activities, texts fragments and excerpts from the same students combined to the materiality of patches, threads and wool. In this article, the first impression reported by some students is astonishment when realizing that the texts they were working on were written by themselves. In other point of the report, they feel the same astonishment when listening to their writings in the voice of their professors. The strangeness running through the experience is double: the astonishment in students as they read and listen to themselves; and the astonishment of professor when the activity makes them realize the distance between planning and living the subject.

Keywords: Academic writing. handcrafted art. mapping. teaching plan.

1 INTRODUÇÃO

à interdição do ato de redigir constitui um aspecto muito evidente na escrita acadêmica. Qualquer orientador de trabalhos de conclusão de cursos, dissertações de mestrado e mesmo teses de doutorado já testemunhou orientandos perdidos, frágeis, angustiados diante da tarefa de ter de redigir (UYENO, 2006).

Uma fantasia, eis a proposta. Uma fantasia de pesquisa. Muitas das alunas¹ que se aproximam da Pós-graduação em Artes-Manuais² para Educação chegam entusiasmadas com a proposta de pesquisar esse território pouco explorado, na perspectiva de educação enquanto *bildung*³, conceito tomado das filosofias da diferença que, associado à antroposofia da imanência⁴ formam a base conceitual do programa. No entanto, o fazer manual é apenas um dos processos na pesquisa das manualidades têxteis, o processo de escrita também é uma chave de conexão importante entre a pesquisadora, o dispositivo oficinaireiro e a materialidade do fazer. A investigação cartográfica⁵, base da experimentação adotada, propõe uma política de narratividade que quer permitir que a escrita acadêmica se constitua junto à educação e aos fazeres simples e cotidianos do fazer manual. Diante da constatação de que o escrever será parte importante do processo de pesquisa, grande parte das alunas se constrange. A histórica dicotomia entre intelectual e manual soma-se ao dolorido processo de subjetivação escolar que quase sempre faz da escrita um instrumento de opressão avaliativa e dissociação entre o que se é e o que se faz na academia. A pesquisa em artes-manuais e sua decorrente política de narratividade é um exercício que imbrica a escrita ao corpo fazedor e quer promover a implicação da pesquisadora naquilo que faz, pensa e sente, constituindo uma integralidade e uma indissociabilidade entre o pesquisar e o viver. Conjunto de ações decorrente de um processo formativo que investe na experimentação, enfatizando as singularidades que compõem cada pesquisadora e cada ação pesquisada. A fantasia de pesquisa é o dispositivo adotado para tentar ultrapassar as marcas deixadas pela formação acadêmica opressora e aproximar a pesquisadora da escrita, ampliando sua capacidade de perceber-se escritora. A fantasia é uma das etapas que culminarão no Trabalho de Conclusão de Curso. Ela vem antes do projeto de pesquisa e permite à pesquisadora expor suas ideias de pesquisa de modo menos formal. Neste artigo, relatamos a experiência proposta como aquecimento para a fantasia de pesquisa. Com essa proposta as docentes da disciplina Políticas de Narratividade querem justamente ultrapassar os receios, os entraves e as marcas deixadas pelo exercício complexo e, quase sempre, frustrante da escrita escolar e acadêmica. Na ocasião da experiência relatada, os ai-não-sei-escrever e os xi-não-consigo já haviam sido ouvidos no ar. Assim como o tradicional “Uma pós-graduação em artes-manuais, muitas vezes, atrai quem é mais do fazer do que do escrever”. Será? Dizem que sim.

¹A adoção do feminino para a referência genérica faz parte da nossa política de narratividade.

² Artes-manuais com hífen, um conceito vivo e presente nas pesquisas do Nina Veiga Atelier de Educação. O conceito aponta para um tensionamento, um acontecimento que se dá entre campos distintos. Um lugar ‘entre’, a produzir devires, a marcar a pesquisa pela ênfase nos processos de subjetivação e sua produção de singularidades entre as artes da casa e o si artífice.

³ Educação junto ao “tornar-se”, na compreensão de “*Bildung*”, ideia composta por Nietzsche (1888/2004) desde as *Odes Píticas*, de Píndaro de Cinoscefale: “*genoi’ hoios essi mathon*” [Converte-te no que és]. O *tornar-se o que se é* nietzschiano se revela distinto do *conheça-te a ti mesmo* e do *mergulhar no profundo do seu eu*.

⁴ Modo de apropriação dos conceitos do jovem Rudolf Steiner (1884 a 1900), a partir de sua sistematização da obra científica de Goethe.

⁵ A cartografia, a partir de Deleuze e Guattari (1996), como operação da pesquisa e sua decorrente política de narratividade, a permitir mobilidade e conexão.

2 DESENVOLVIMENTO

Uma prática de conjunto potencializa a aula, gera o fluxo de outros tantos fazeres como ler, grafar, reger, cantar etc. em graus de intensidade que aumentam a capacidade de agir dos estudantes. "Cantar ou compor, pintar, escrever não tem talvez outro objetivo: desencadear devires" (Deleuze, 1997, p. 63). Grafar, ler, tocar, reger etc. são fazeres que vibram entre si, que podem gerar aumento de potência e fazer emergir novos saberes (SANTOS, 2011, p. 234).

Neste artigo, narramos os diversos momentos de uma aula da disciplina Políticas de Narratividade, que ministramos na pós-graduação lato sensu Artes-Manuais para Educação. As anotações vão desde os pensamentos iniciais sobre o planejamento da atividade, até os acontecimentos que se seguiram a sua realização. A disciplina aposta na arte manual do escrever e faz exercícios e experimentações para a efetuação da escrita da pesquisa. Investimos na escrita cartográfica para acompanhar os processos que surgem a partir do fazer intensivo das manualidades. As técnicas artífices são agenciadas a exercícios goetheanísticos⁶ de escrita para a composição de textos que acompanham a pesquisa durante todo o percurso da pós-graduação.

Para fazer ver o engendramento entre as artesanias e a escrita, dividimos este texto em itens curtos, tentando manter a tensão entre planejar e executar e artesanizar e escrever. Começamos com um devaneio, no item "As bolhas de sabão explodem", onde as docentes derivam, apostando numa racionalidade aberta que afirma: planejamento também é experimentação. Em "Inquietações iniciais", nos interrogamos sobre os modos de se construir um dispositivo oficinairo, capaz de lidar com as marcas, quase sempre negativas, deixadas pela escolarização no processo de escrita.

Na sequência, no item "Planejamento da aula em movimentos", relacionamos as etapas do plano de aula, refletindo sobre suas dinâmicas e possibilidades. "O duplo têxtil se movimenta" traz a metodologia utilizada, mostrando os efeitos da contaminação na simultaneidade entre o fazer das artes-manuais e da escrita. O item "A vivência da aula" relata como foi vivida a atividade pelas alunas. E, em "Alguns acontecimentos atravessam a aula", aparecem os imprevistos ocorridos durante a atividade, alguns nem tão imprevisíveis assim, pois fazem parte da prática docente e das derivas do planejamento. Por fim, no último item do Desenvolvimento, "O depois da aula", trazemos os acontecimentos a partir do terceiro movimento planejado, mostrando que alguns afetos disparados no dia da aula continuam a produzir pensamento ação.

O Desenvolvimento circula pelas vozes das docentes em fluxo de consciência, apresentando seus devaneios, anotações e transcrições de reuniões. Além dos comentários e observações surgidos durante a escrita do artigo. Pretende ampliar o olhar para uma ação docente cotidiana e comum, o planejamento de aula, mostrando-o como um momento de experimentação, numa racionalidade aberta, pleno de derivas, no vir a ser da aula.

⁶ A partir dos modos da fenomenologia goetheana, sistematizada por Rudolf Steiner (1861-1925).

2.1 As bolhas de sabão explodem

Quando se planeja uma aula faz-se experiência? Acredito que sim. Até ao preparar uma mistura para fazer bolhas de sabão se faz experiência. Bolhas de sabão? Sim. Sabia que bolhas de sabão foram as primeiras palavras que selecionei no texto de uma das alunas para compor a atividade? Primeiro, apareceu a palavra *bolhas*, assim mesmo, no plural, depois, encontrei *sabão*. A recolha das palavras para o planeamento do dispositivo-aula texto-têxtil foi um exercício intenso, produziu um devaneio. Fiquei permeada com essa imagem das bolhas de sabão durante toda a seleção das palavras.

A experimentação de planejar o dispositivo-aula foi como preparar a mistura. Colocar água e sabão em um recipiente. Sabia que tem gente que coloca açúcar na mistura para preparar o líquido fazedor de bolhas de sabão? É preciso testar primeiro as bolhas, usando a ferramenta escolhida, que pode ser canudinho ou arame. Eu preparo aula assim, como quem testa receita de bolhas de sabão. Às vezes, coloco um pouco mais de açúcar, às vezes, menos. Têm vezes que acerto de primeira, noutras, cai tudo no chão e preciso refazer.

No sentido intensivo, uma atividade em artes-manuais e escrita pode mesmo se parecer com o preparar e soltar bolhas de sabão. Como assim? O dispositivo é como a camada fina da bolha que, a qualquer momento, explode, produzindo um espanto. É mesmo! O espanto da experiência. Estar atento aos processos é fazer experiência. Por isso que planejar a aula é também experiência. Espanto!

2.2 Inquietações iniciais

Planejar uma atividade de escrita acadêmica, mesmo que seja para disparar uma “fantasia de pesquisa”, pode ser como soltar bolhas de sabão, idealizam-se as bolhas para que elas explodam no ar. Será que idealizamos a aula? Mas todo planeamento de aula já não é uma idealização? É ensaio, diz Deleuze. Olha a fantasia aí, planejar a aula como uma fantasia de aula.

Tínhamos começado a planejar de modo meio fantasioso, com certeza, além do possível para o contexto. É que, ao pensarmos nas alunas escrevendo suas fantasias de pesquisa, já podíamos imaginar suas falas, carregadas com toda aquela angústia da escrita, com suas vozes repetindo e ecoando: “não sei escrever”, “não escrevo”, “não sei fazer projeto de pesquisa”, “veja o que escrevi, não faz sentido”. Propor uma atividade de escrita é escutar muitas vezes não, não, não, minha escrita é muito isso, muito aquilo, são as marcas deixadas pelos modos de subjetivação escolar, os quais continuam reverberando, mesmo em uma pós-graduação.

Nossa maior inquietação ao planejar a atividade foi sobre o que aconteceria às alunas, assim que se deparassem com as “bolhas de sabão”, sua própria escrita, em palavras e frases soltas. Será que reconheceriam a autoria? Buscávamos um modo de que percebessem a potência de seus textos, para ajudar a tornar possível uma escrita sem tanta angústia, sem tanta negação da própria capacidade.

2.3 Planejamento da aula em movimentos

Idealizamos a aula em alguns movimentos, para que as alunas se aproximassem de suas escritas aos poucos, devaneando, fantasiando a pesquisa, antes de formular o próximo passo: a entrega da fantasia de pesquisa e depois do projeto de pesquisa, seguindo, então a metodologia da ABNT, proposta pela faculdade. Os movimentos sugeridos serviriam para que

lidassem com suas ideias e desejos sem tanta cobrança e, deste modo, o texto poderia surgir mais fluidamente.

Para embasar a atividade indicamos como leitura prévia dois textos⁷, que circulam em torno da intensividade na escrita acadêmica. As alunas selecionariam dez palavras dos textos, que seriam levadas para aula escritas à mão, impressas, recortadas ou desenhadas. Nós, as docentes levaríamos as “bolhas de sabão”, dez palavras selecionadas dos textos das próprias alunas, escritas em exercícios de aulas anteriores. Suas escritas já nos eram próximas, estávamos, há três meses, lendo suas mensagens, seus rascunhos e textos. Três meses afetando e sendo afetadas, planejando dispositivos para composição das escritas.

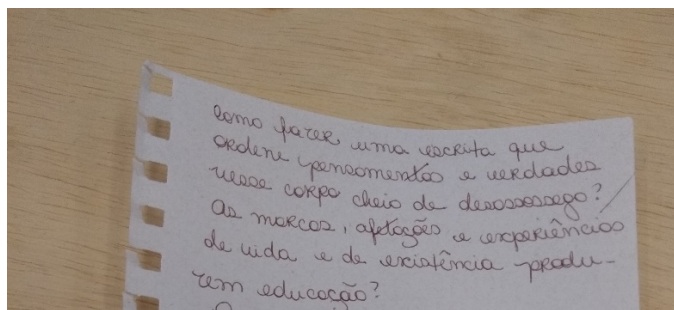
Os movimentos planejados foram:⁸

1º. movimento: um texto-tecido – as alunas fariam uma composição no tecido, costurando as palavras dos textos lidos e as suas próprias, relacionando-as à fantasia de pesquisa: distribuindo as palavras soltas e, então, prendendo-as ao tecido, ou costurando, ou bordando, ou... ou...

2º. movimento: a partir dessa composição, as alunas elaborariam um parágrafo, no papel, relacionado à fantasia de pesquisa. As palavras seriam pistas para esta escrita: na verdade, você já sabe o assunto/você já sabe o lugar/você já tem alguma ideia.

3º. movimento: a leitura em voz alta por uma outra pessoa - um pedido para abrir a escuta ao seu próprio texto.

Figura 1: Registro do 2º. movimento



Fonte: foto das autoras

“Como fazer uma escrita que ordene pensamento e verdades neste corpo cheio de desassossego? As marcas, afetações e experiência de vida e de existência produzem educação?” (aluna Luiza Ramon)⁹

O dispositivo idealizado buscava ajudar as alunas a perceberem como suas pesquisas já estavam acontecendo. Antes mesmo de chegarem à fantasia de pesquisa, já tinham deixado marcas em suas escritas, sobre aquilo que estavam investigando. Os incômodos e os afetos

⁷ Textos indicados para leitura prévia: ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Revista PUCSP, v.1, núm. 2, 1993, Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf> Acesso em: 27 jun 2021
VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Vozes de Papel. In: _____. Fiar a escrita: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. 2015. 540 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

⁸ Anotações do caderno de uma das docentes.

⁹ Com intuito de preservar o anonimato das escritas e das fantasias de escrita das alunas, optamos por utilizar nomes fictícios.

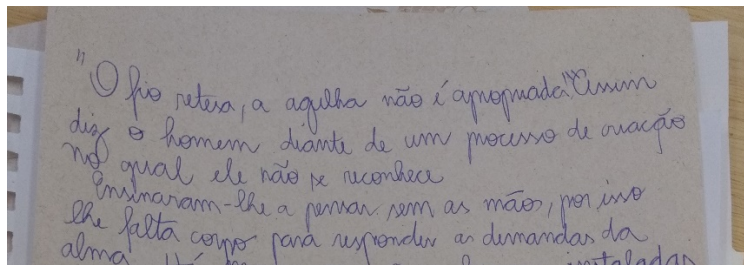
registrados traziam pistas para o projeto e poderiam ser usados na composição da fantasia de pesquisa.

Os fragmentos “bolhas de sabão” da escrita anterior das alunas traziam marcas da pesquisa. Nosso desejo era que o dispositivo fizesse ver essas marcas, para que as alunas reconhecessem que a pesquisa já estava com sua cartografia em andamento. Suely Rolnik, em um das leituras prévias indicadas, diz que as marcas tem o potencial de “voltar a reverberar quando atraí e é atraída por ambientes onde encontra ressonância”, e complementa “muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração” (ROLNIK, 1993, p. 2). Ora, se “são as marcas que escrevem” (idem, p. 9), ao apresentarmos suas próprias palavras às alunas, as marcas poderiam encontrar ressonância. E colaborar para descolar o pensamento do “escrever sobre” para o “escrever com”: com suas marcas, com suas experiências, com aquilo que já escreveram e que nem haviam percebido que já era o registro da pesquisa.

2.4 Um duplo têxtil se movimenta

Um dispositivo-aula texto-têxtil se movimenta. Como produzir mobilidade no exercício e, assim dar voz à mobilidade da escrita da pesquisa com um texto costurado como era o planejado a princípio? Palavras fixadas, costuradas, aplicadas a um tecido, sem possibilidade de movimento, presas para sempre. Esse “para sempre” parece um fado, um destino. Talvez fosse melhor uma técnica que permitisse brincar com o “acaso favorável”, com a fortuna. Sim. Seria destino, fado, mas também movimento, acaso, fortuna. Continuávamos a fantasiar, em nosso devaneio planejante. Então, vamos fazer uma montagem dentro de um saco transparente, sem costurar, assim preservamos o movimento. Ótimo, um saco do destino!

Figura 2: Registro do 2º movimento



Fonte: foto das autoras

“O fio reteso, a agulha não é apropriada’. Assim diz o homem diante de um processo de criação no qual ele não se reconhece. Ensinar-lhe a pensar sem as mãos, por isso lhe falta corpo para responder as demandas da alma.” (aluna Langha Haonatt)

Assim foi decidido que, ao invés do tecido costurado, a proposta seria a de que cada aluna criasse um duplo têxtil¹⁰, a partir de “sacos do destino”. Os sacos individuais conteriam as “bolhas de sabão”, frases e palavras de autoria de cada aluna, além de retalhos de tecidos, linhas, lãs e fios, tudo acondicionado em um saco transparente de plástico, que serviria de suporte expositor. Estava enfim planejado: os “sacos do destino” seriam um dispositivo móvel de criação de artes-manuais e escrita.

¹⁰ Metodologia de escrita e pesquisa desenvolvida por Ana Veiga, em sua tese e que dá simultaneidade entre o fazer da escrita e das artes-manuais: “O duplo têxtil se constitui em uma metodologia de escrita que corporifica e amplia o movimento das vozes do corpo fazedor [...]” (VEIGA, 2015, p. 417).

O mote da atividade incluiria um devaneio para disparar a fantasia de pesquisa: “Assim como as bolhas de sabão que espantam, ao explodir no ar, os acontecimentos móveis da pesquisa explodem aleatoriamente, produzindo matérias e acontecimentos diversos. Movimentos ao acaso do campo, dos autores, do desejo que se apresenta às ideias. Espantadas, as pesquisadoras são chamadas a lidar com a mobilidade do que se apresenta através da escrita”.

Então, no planejamento fantasioso da aula, inventamos um saco móvel do destino que traria, ao acaso, elementos da pesquisa e fragmentos dos enfrentamentos escritos, dos cortes no caos, que as alunas já haviam produzido na lida com o espanto do pesquisar.

No caderno de planejamento, a docente anotou: “Nosso desejo: criar possibilidades múltiplas de composição de escrita. Dar voz para as fantasias de pesquisa, incentivar o devaneio. Inaugurar a metodologia do duplo têxtil. Possibilitar que o jogo do duplo têxtil acompanhe o processo de pesquisa até a escrita final do Trabalho de Conclusão de Curso. Preservar a mobilidade. Criar margem para as mudanças possíveis ao longo da escrita e do desenvolvimento do projeto”.

Figura 3: O saco do destino em composição



Fonte: foto das autoras

“No que chamaram “saco do destino” me foi entregue, além de pedaços de feltro e linha e acho que um filó rosa – um pequeno trecho de um texto que escrevi no Trello¹¹. Meu coração acelerou um pouco ao ver minhas palavras impressas ali, recortadas do texto original’. (aluna Colorinda Zanchim)

2.5 A vivência da aula

Uma aula é algo que é muito preparado. Parece muito com outras atividades. Se você quer cinco minutos, dez minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. [...] Como tudo, são ensaios. Uma aula é ensaiada. [...] Se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados. Uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 70).

¹¹ *Trello* é um aplicativo online de gerenciamento de projetos. Na pós-graduação em Artes-manuais para educação, foi utilizado como local onde as alunas colocavam suas escritas, em quadros relacionados às disciplinas do curso.

No dia da atividade, as alunas sentaram-se ao redor de uma mesa comprida, repleta de materiais diversos. Aquela agitação costumeira do momento antes do acontecimento. Muita conversa, uma certa expectativa no ar. Daí se escuta um “vamos começar?” e um encantamento se faz, começa a aula. Apresentamos a proposta e declaramos o devaneio. Cada aluna recebeu seu “saco do destino” e permaneceu em silêncio. O silêncio fazia parte da aula.

O planejamento previa que, com as palavras trazidas de casa, retiradas dos dois textos indicados, as alunas teriam minutos para montar o duplo têxtil, buscando no saco do destino os recursos necessários para a composição.

Conforme as alunas acabavam o primeiro movimento, informávamos individualmente o próximo passo. Elas deveriam escrever um parágrafo, uma fantasia de pesquisa, em uma folha solta, com seus nomes e a data.

Foi então que as surpresas começaram. Ao escutarem o “vamos encerrando?”, respondiam “como?”, “nossa”, “já?”, “mas ainda estou escrevendo”. As alunas estavam imensas, tomadas pela materialidade de seus “sacos do destino”, na composição do duplo têxtil e sua cartografia. O tempo nunca parece suficiente para alguns mergulhos.

2.6 Alguns acontecimentos imprevistos atravessam a aula

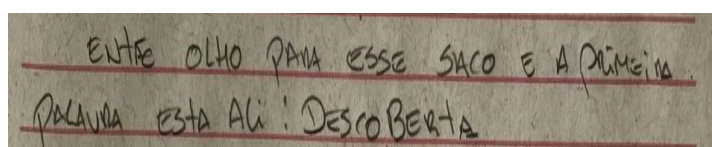
[...] cada atividade tem seus modos de inspiração. Mas não há outra palavra a não ser pôr algo na cabeça e conseguir achar interessante o que é dito. [...] É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante. [...] Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 71).

Ainda que se planeje uma aula minuto a minuto, ela insiste em vir atravessada pelos imprevistos. Isso pode ser o que tornam as aulas tão movimentadas e singulares. Tais acontecimentos parecem funcionar como os “sacos do destino” recebidos pelas alunas: não controlamos seus movimentos.

O primeiro acontecimento não foi totalmente imprevisto. Até o desejávamos, mas não imaginávamos que surgiriam com tamanha intensidade. Quando algumas alunas perceberem que as frases dos seus “sacos do destino” eram de sua autoria se surpreenderam. Aos poucos, as interjeições “oh”, “ah”, “nossa”, foram aparecendo. A surpresa para algumas foi enorme. Elas liam as frases, gostavam do que liam e, de repente, o espanto: “mas essa frase é minha!”.

Num primeiro momento, durante a leitura da frase solta, descontextualizada, surge por parte da aluna uma simpatia: “gosto disso”, “concordo”, “que bonito”, ainda sem se reconhecer nas palavras. E, então, num susto, a lembrança acontece. A aluna se dá conta da autoria, de que foi ela mesma quem escreveu. Nasce o espanto de sentir-se outra na escrita.

Figura 4: Registro do 2º. movimento



Fonte: foto das autoras

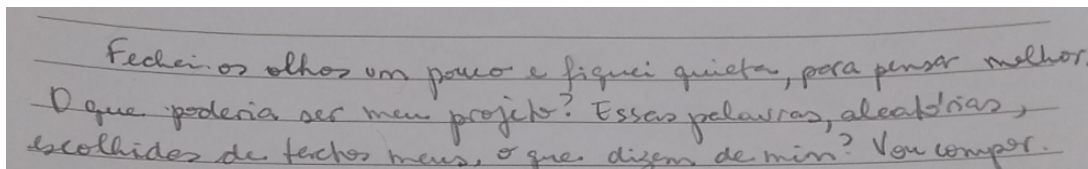
“então, olho para esse saco e a primeira palavra está ali: descoberta.” (aluna Conceição Vieira)

O segundo acontecimento não previsto causou espanto, não às alunas, mas às docentes. Nunca imaginamos que fado se permuta. Pois aconteceu. As alunas, flutuando pelos espaços como bolhas de sabão, trocaram entre si, os fios, tecidos e lãs dos seus sacos do destino. A ideia de alunas sentadas, concentradas, foi atravessada pelo movimento vivo das trocas. O barulho das conversas, a dinâmica do levantar e “*deixa eu ver o que você tem aí*”, substituiu a idealidade do silêncio planejado, na dinâmica de “*aceitar o que a pesquisa te apresenta*”, num saco do destino individual e não permutável.

O terceiro acontecimento não previsto, poderia ter sido previsto com facilidade, claro que o tempo seria insuficiente. Os dez minutos planejados foram poucos para a montagem do duplo têxtil junto à escrita do parágrafo, pois, algumas alunas precisaram se recolher, se colocando quietas e concentradas, enquanto produziam seus textos. O tempo de composição e escrita não poderia ser tão racionado. Mesmo sem precisar costurar, os afetos não são instantâneos. A mobilidade não poderia garantir rapidez. É preciso tempo para lidar com o material e cartografar seus modos.

O último acontecimento não previsto foi a não adesão de algumas alunas à atividade. Teve quem não reconheceu a autoria das suas frases no saco do destino. Teve quem dispersou, não compoendo com o exercício. Precisamos lidar com este acontecimento. Ultrapassar o costumeiro sentimento de falta (“*O que será que faltou para não participarem?*”), e perceber a não adesão como um movimento rotineiro da aula.

Figura 5: Registro do 2º. movimento



Fonte: foto das autoras

“Fechei os olhos um pouco e fiquei quieta, para pensar melhor. O que poderia ser meu projeto? Essas palavras, aleatórias, escolhidas de textos meus, o que dizem de mim? Vou compor.” (aluna Rita Maresti)

2.5 O depois da aula

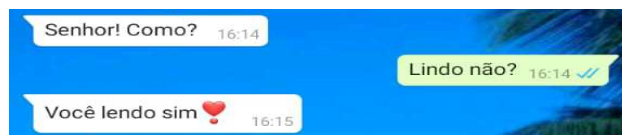
No planejamento inicial, a escuta do próprio texto seria o terceiro movimento da aula. Uma aluna teria seu texto lido em voz alta por outra aluna na roda de partilha final. A necessária ampliação do tempo para a composição da atividade transferiu a escuta para um momento posterior. Na semana seguinte, as docentes recolheram a atividade e gravaram a leitura, enviando o áudio por aplicativo de voz a cada aluna. A fantasia de pesquisa deveria ser apresentada no módulo seguinte, dali a um mês. Será que as alunas ainda carregavam, digeriam, ruminavam o que haviam escrito durante a atividade? O dispositivo-aula texto-têxtil ainda ressoaria? As respostas a essas perguntas causaram espanto. Mas foi um bom espanto. É mesmo.

Figura 6: Relato do espanto

Fonte: foto das autoras

“Nossa!!! Que presente!! Fui eu mesma que escrevi?!” (aluna Cândida Albuquerque)

A surpresa das docentes com a reação das alunas alegrou e intrigou. Os efeitos desse espanto alegre trouxeram a vontade de narrar a experiência neste artigo. Como diz o Deleuze, “É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante” (DELEUZE; PARNET, 196, p. 71). Acho mesmo fascinante. Sim, como as bolhas de sabão. Grande parte das alunas não se reconheceu logo no início da escuta e, assim que perceberam, levaram um susto, espantadas com suas próprias produções:

Figura 7: Relato do espanto

Fonte: foto das autoras

“Senhor! Como?”

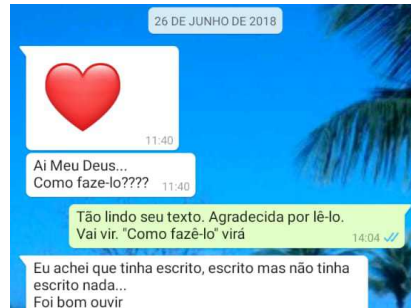
Docente: “Lindo não?”

“Você lendo, sim.” (aluna Edwiges Miglan)

Figura 8: Relato do espanto

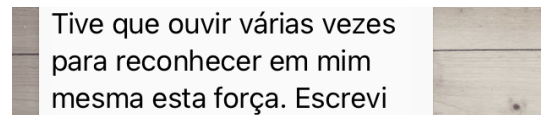
Fonte: foto das autoras

“obrigada pelo presentinho.. rs ... é tão esquisito ouvir!” (aluna Joana Rodrigues Alves)

Figura 9: Relato do espanto

Fonte: foto das autoras

“Eu achei que tinha escrito, escrito, mas não tinha escrito nada... Foi bom ouvir” (aluna Maria Tosta Campos)

Figura 10: Relato do espanto

Tive que ouvir várias vezes para reconhecer em mim mesma esta força. Escrevi

Fonte: foto das autoras

“Obrigada, tive que ouvir várias vezes para reconhecer em mim mesma esta força.” (aluna Elvira Paixão)

Esse espanto é uma alegria. Uma alegria disparada pela proposta da disciplina Políticas de Narratividade. É um cuidado com os modos de subjetivação, no caminho de produção de conhecimento das alunas. É bom ver que as marcas negativas da escrita acadêmica, deixadas pelo processo de escolarização e que, muitas vezes, fazem da redação do Trabalho de Conclusão de Curso, um motivo para evasão do curso, podem ser ultrapassadas pelo cuidado do programa. O dispositivo-aula texto-têxtil realizou um exercício de aproximação da fantasia de pesquisa que, por sua vez, fará uma aproximação, por meio do devaneio, do projeto de pesquisa e, só então, depois de muita deriva, de muito exercício cuidadoso, o Trabalho de Conclusão de Curso será escrito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na hora, você não entende um movimento, mas três minutos depois, aquilo se torna claro porque algo aconteceu nesse interim. Uma aula pode ter efeito retardado. Podemos não entender nada na hora e, dez minutos depois, tudo se esclarece. Há um efeito retroativo (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 75).

Quando paramos para olhar com delicadeza nossa atividade rotineira, para além das avaliações obrigatórias, como fizemos neste relato de experiência, nos espantamos com nossa própria capacidade de produzir vida e cuidado ao propor a escrita acadêmica às nossas alunas. Isso não quer dizer que não existem incômodos, que as coisas dão sempre certo, não, pelo contrário. Tanta coisa acontece numa aula, entre o que planejamos e sua avaliação. Entre uma fantasia, um planejamento, uma aula e muitos espantos, problematizamos.

A primeira coisa que se observou foi a distância percorrida entre o que se planeja e o que acontece. Será que é mesmo idealização, como chamamos no início deste texto? Repetimos, então, a pergunta que se fez: “Mas todo planejamento já não é uma idealização?” Vimos que para Deleuze é ensaio: “Como tudo, são ensaios. Uma aula é ensaiada”. Ensaiamos a aula e observamos seus modos de produção, de construção na imanência da aula. Então estamos com Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (FREIRE, 2019, p. 24). Fizemos isso. O dispositivo-aula cria possibilidades.

O ensaio, através do planejamento da aula, é uma experiência. Observamos o processo dessa experimentação, a cartografamos e nos surpreendemos com sua amplitude, no aparentemente simples da aula. O espanto docente, o espanto das alunas, e o impossível do não idealizado da aula se compõem. Essa distância entre o que se planeja e o que acontece é percorrida com anseios o que não poderia ser diferente, já que como as bolhas de sabão a explosão do inesperado é fado certo.

Podemos nos alegrar ao definir o planejamento da aula como um momento de criação, de experiência, pleno de fantasia, nos devaneios que temos quando nos colocamos a imaginar uma atividade. Na invenção de outros modos de propor escrita acadêmica, que sejam capazes de ultrapassar as marcas negativas que observamos em grande parte de nossas alunas, também nos colocamos em experimentação. A sala de aula é lugar de experimentação, mas podemos afirmar que o planejamento da aula também é. Nos deslocamos de nossos espaços de costume, ao querer disparar processos de composição de vida junto à academia. Para a criação de dispositivos que ampliem as possibilidade de produção de singularidades na escrita acadêmica é preciso desabituar-se de um corpo docente mais formal, com menos mobilidade. Devanear, expor-se em rascunhos e fluxos faz parte de criar e recriar dispositivos abertos e cuidadosos, que possibilitem o acoplamento de múltiplos modos de pesquisar e escrever, no tornar-se especialista em Artes-Manuais para Educação. Processo intensivo para quem propõe e para quem é ativado pelo dispositivo-aula.

Os deslocamentos que surgem entre o planejamento da aula e sua realização são expressos pelos espantos. Os espantos que vimos, trazidos pelas vozes de docentes e alunas são a abertura da atividade aos devires, aos encontros. Efeitos de um dispositivo composto para aumentar a potência do pesquisar, na ampliação da experiência. No entanto, isso não faz perder de vista o tributo acadêmico devido ao Trabalho de Conclusão de Curso, exigência para a titulação. É possível cuidar de cada etapa do processo de escrita acadêmica, acolhendo as marcas negativas com delicadeza e cuidado. Permitindo à aluna que fantasie, que experimente, que faça da aula seu laboratório. Que tenha um espaço de experimentação em sucessivas aproximações até a formalização e a entrega do trabalho final. Ultrapassagens alegres que produzem vontade de pesquisar e escrever e, como para Betina F. Gonçalves, fazem da aula um espaço de encontro:

Uma aula pode começar do encontro de pessoas e de coisas. Um choque que produz algum efeito. Um sistema de desterritorialização, com permissões, percepções, imaginações, operações, aprofundamentos e superações, deslocamentos, olhares (GONÇALVES, 2012, p. 32).

Assim, na promoção de espantos nos encontros entre pessoas e coisas, a disciplina Políticas de Narratividade quis construir esse dispositivo-aula aberto aos devires. Ampliando o território da aula junto aos processos de subjetivação e a produção de singularidades. Produção de duplos têxteis que agenciam manualidades às escritas, na pesquisa. A fazer da experimentação e do pesquisar a ênfase do tornar-se especialista em Artes-Manuais para

Educação. E seguir reverberando fantasias por aplicativos de mensagens, por Projetos de Pesquisa, por Trabalhos de Conclusão de Curso, por artigos de revistas acadêmicas. A

triturar palavras tagarelas, produzir silêncios prenhes de vida, murmúrios, soluços, balbucios, gagueira. Trata-se de uma educação que se produz no espanto, com algo que a choça e a tira dos trilhos, escapando da representação (HORNI; OLEGÁRIOII, 2019, p. 116).

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. 1996. Disponível em: <http://www.oestrangerio.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 24 jun 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GONÇALVES, Betina Frichmann. Para desenhar uma aula em três dimensões. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3: Didaticário de criação: aula cheia**. Coleção Escriteiras. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- HORNI, Claudia Inês; OLEGÁRIO, Fabiane. Inventário de notas para uma formação docente inventiva. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 12, n. 1, p. 110 – 123 jan./abr. 2019 ISSN 1983 – 7348. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734833962>. Acesso em: 11 jun 2021;
- OLEGÁRIO, Fabiane; VIER MUNHOZ, Angelica. A escrita que vaza. Conexões e entrelaçamentos com a experiência. **Revista Digital do LAV**, vol. 5, núm. 9, set., 2012, pp. 1-11 Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/6329>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Revista PUCSP**, v.1, núm. 2, 1993, Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 29 jun 2021.
- SANTOS, Regina Marcia Simão dos. Um paradigma estético para o currículo. In: SANTOS, Regina Márcia Simão (org.). **Música, Cultura e Educação: Os múltiplos espaços de educação musical**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- UYENO, Elzira Yoko. Hermenêutica de si mesmo: escrita acadêmica, parrhesia e subjetividade. In: **Linguagem, cognição e afetividade**. Taubaté, SP: Cabral Editora, 2006.
- VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Vozes de Papel. In: **Fiar a escrita: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica**. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. 2015. 540 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

Submetido em julho de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.

Ana Veiga

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atelier de Educação (NVAE), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ID Lattes: 7474000609545919. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7514-9112>.

Contato: ninaveiga@ninaveiga.com.br

Sofia Amorim

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Atelier de Educação (NVAE), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ID Lattes: 4158730734431798. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8282-4780>.

Contato: sofiashanti@gmail.com.

Luciana Aguillar

Especialista em Artes-manuais para a educação pela Faculdade de Conchas (FACON). Atelier de Educação (NVAE), Juiz de Fora, MG, Brasil. ID Lattes: 2152600639007263. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3347-0338>.

Contato: lucianaaguillar86@gmail.com